



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

Um circo que é um livro

Em 1981, o Departamento de Informação e Documentação Artísticas da Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura de São Paulo lançou, na sua coleção *Pesquisa*, um excelente texto sobre *Circo, Espetáculo de periferia*, produção coordenada por Maria Thereza Vargas. O livro é um extraordinário documento sobre o cotidiano e as características dos circos paulistas. Nesta última semana, para minha alegria, que reparto com o leitor, foi-me enviado o livro *Circo Navegador 25 anos*, de autoria de Alexandre Mate, a respeito deste grupo circense do litoral paulista que, como indica a obra, está completando um quarto de século. O volume, mais do que a história e o levantamento detalhado dos espetáculos encenados pelo grupo, traz um extraordinário material teórico e de debate sobre a arte circense, em geral, e sobre os grupos circenses brasileiros, em particular. Trata-se, neste sentido, de uma obra valiosa - há poucos trabalhos a respeito do tema - e de alta qualidade, justamente porque reúne, à questão historiográfica e documental, a prática reflexiva e teórica, ainda mais rara.

O Circo Navegador, como entende o autor do texto, é um "coletivo que se insere no imenso coro formado pelo sujeito histórico que institui/constitui o teatro de grupo brasileiro" (p. 21), criado por Luciano Draetta, mais Alejo Linares (argentino) e Andréia de Almeida, tendo tido a participação, em seus primeiros anos, de Fernando Mastroella, hoje já não mais integrante da troupe.

O grupo se coloca na linha do que denomina de "circo novo", compreendendo a representação dramática mais tradicional, o circo, propriamente dito, a dança e as formas filmadas como cinema, televisão e vídeo. Eu diria que, além disso - e o livro é a exemplificação prática do que defendo - o grupo hoje também trabalha com as redes sociais e a tecnologia digital de ponta, bastando se observar que várias das páginas da obra são complementadas, em suas margens, por QR Codes que contém vídeos com entrevistas ou documentários a respeito do grupo e de suas encenações. Ou seja, o conjunto une a tradição circense, devidamente renova-

da, com a vanguarda das linguagens mais refinadas e de mais longo alcance da atualidade.

Boa parte da atividade do Circo Navegador foi possibilitada pela aprovação, em 2002, de uma lei municipal que criou o Programa Municipal de Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo e que, através de editais, apoia as atividades artísticas deste segmento, incluindo o circo.

O Circo Navegador, assim, faz parte de um conjunto de iniciativas de grupos de artes cênicas os mais diversos, cujo número chega a quase quinhentos (!), produzindo e explorando linguagens dramáticas as mais diversas que, ao lado de preocupação estética, junta o compromisso social. Assim tais agrupamentos se identificam enquanto "seres estéticos, individual ou coletivamente, ligados às artes da representação ou artes da cena, [que] nascem por meio de trocas relacionais: seres que existem em completude, por meio de processos de coligação, chamados espetáculos" (p. 30).

No caso específico do Circo Navegador, temos um "trânsito híbrido por diversos procedimentos e sempre articulados, que unem a comicidade e o conceito de corpo expandido, decorrente, sobretudo, das necessidades de manifestação 'elasticizante' das acrobacias circenses e de movimentos de expressividade da palhaçaria articulada à beleza da dança" (p. 32), já que, para Luciano Draetta, "a poesia e a transgressão devem andar juntas para a criação das obras, sobretudo, de palhaçaria" (p. 34).

Draetta é considerado o "pãe" (simbiose entre pai e mãe) do grupo (p. 39), mas na verdade todas as criações do conjunto resultam de um trabalho eminentemente coletivo, mesmo quando, naquele dramático período de pandemia e segregação, o grupo teve de trabalhar à distância.

Em síntese, de 1997, quando estrearam *Hoje tem marmelada*, a 2003, com *Boa noite*, os integrantes do Circo Navegador têm vivido uma emocionante aventura criativa, de que todos somos devedores, independente de termos ou não assistido a seus trabalhos. Até porque, agora, com o livro, podemos nos colocar em dia.



Hélio Nascimento

Cinema

hr.nascimento@yahoo.com.br

Homenagem e lembranças

Assim como existem, espalhados pelo mundo, festivais de cinema, não sendo necessário lembrar aos cinéfilos os mais conhecidos, há, como é sabido, mostras de pintura, promoções destinadas a divulgar o movimento editorial e os dedicados à música. Um deles, e dos mais antigos, é o BBC Proms, realizado anualmente em Londres e do qual participam orquestras, instrumentistas e cantores de todo o mundo. Os seus organizadores são atentos a todo o universo cultural nos mais diversos países. Vale lembrar que, para assinalar o centenário da morte de Heitor Villa-Lobos, sua noite de encerramento foi dedicada àquele compositor brasileiro, com a execução do *Choro Número 10*. O palco das apresentações é o Royal Albert Hall, que foi o cenário no qual Hitchcock realizou uma antológica sequência de *O homem que sabia demais*, na segunda versão, aquela interpretada por Doris Day e James Stewart. A noite de encerramento é uma festa transmitida pela TV para todo o Reino Unido. O festival londrino dura cerca de 40 dias e sua homenagem a Villa-Lobos pode ser vista no Youtube. O encerramento é tão concorrido que telões são localizados em várias cidades para que pessoas confraternizem e assistam também nas ruas peças da música britânica e, como no caso de Villa-Lobos, de compositores de outras nacionalidades. Algo que merece destaque numa coluna dedicada ao cinema é que neste ano, mais precisamente no dia 11 de agosto, algo inédito acontecerá: o Festival vai homenagear Stanley Kubrick. Naquela noite, a orquestra regida por Edward Gardner interpretará um programa intitulado *Uma odisseia no espaço*, integrado por obras utilizadas por aquele cineasta em seu maior filme.

Kubrick era um apaixonado por música e quase sempre soube revelar ao público a essência de muitas peças, como, por exemplo, na cena que parece retirada de uma página de Engels, na *Dialética da natureza*: a descoberta e a transformação da mão em arma poderosa. Em tal cena ele utiliza a abertura do poema sinfônico *Assim falou Zaratustra*, de Richard Strauss. Assim como utilizou *O Danúbio azul*, de

Johann Strauss, filho, para reforçar a ideia da eterna transformação através do símbolo do rio como a passagem do tempo e o azul referente ao universo contemplado pelo ser humano. A valsa está ausente do programa, mas serão interpretadas, além do poema sinfônico, cuja abertura é utilizada no início do filme, na já mencionada cena da grande descoberta e também no final, duas obras do húngaro György Ligeti: o *Requiem* e *Lux Aeterna*. O canal da BBC no Youtube provavelmente transmitirá o concerto. Peças de compositores como Ennio Morricone e John Williams já foram interpretadas por orquestras regidas pelos autores em várias cidades, mas esta é a primeira vez que um festival de música homenageia um diretor de cinema, através de peças por ele escolhidas para um filme.

Um outro acontecimento curioso em relação a encontros entre música e cinema é o de Bernard Hermann, que foi um grande parceiro de Hitchcock e que aparece regendo a orquestra na célebre cena de *O homem que sabia demais*, na interceptação da cantata *Nuens de tempestade*, de Arthur Benjamin. Hermann também foi colaborador de Orson Welles, outro melômano, em *Cidadão Kane*. O diretor pediu a Hermann que utilizasse uma ária de ópera que iniciasse um ato, para uma cena do filme que começa com a cortina sendo erguida. Hermann disse a Welles que tal cena não existia e resolveu escrever ele próprio uma ária. Em tal momento do filme a ária de uma ópera fictícia, chamada *Salambo*, era "assassinada" pela esposa do protagonista. Quando a ária chega ao fim apenas o marido, o poderoso Kane, aplaude a desastrada interpretação. A curiosidade aqui é que a ária escrita por Hermann décadas depois foi gravada por Kiri Te Kanawa, uma das intérpretes do Don Giovanni dirigido por Joseph Losey, a partir da ópera de Mozart. O nome da cantora fará certamente com que os admiradores do gênero procurem, através dos diversos caminhos hoje possíveis, a versão correta da peça de Hermann, escrita para uma cena de um dos maiores filmes da história do Cinema.